



INTERPRETAÇÃO DOS PERCURSOS EQUESTRES



**PERCURSO EQUESTRE
DO RIO LIMA À SERRA DE ARGA**

**PERCURSO EQUESTRE
DA SERRA DE ARGA**







PERCURSO I. PERCURSO EQUESTRE DO RIO LIMA À SERRA DE ARGA

Apresentação do Percurso

O Percurso Equestre Intermunicipal do Rio Lima à Serra de Arga desenvolve-se na continuidade do Percurso Pedestre e Equestre da Ribeira Lima (PR25), com início no limite urbano da cidade de Viana do Castelo.

Este itinerário oferece-lhe uma estimulante experiência de imersão na natureza, de contemplação de um multifacetado mosaico paisagístico, de aventura, exploração e descoberta da evolução deste território ao longo dos tempos, com vestígios da Idade do Ferro, da romanização ou ainda da ocupação medieval, com longa persistência dos Solares, Casas e Quintas herdeiras dos vínculos da propriedade senhorial que subsistiram para além da Idade Moderna.

Partindo da serenidade refrescante das margens do rio Lima, na notável freguesia de Lanheses, que já foi sede do concelho de Vila Nova de Lanheses entre finais do século XVIII e princípio do XIX, convidamo-lo a aceitar o desafio da subida à recôndita e genuína aldeia do Cerquido, com provável origem castreja, na vertente sul da Serra de Arga, sistema montanhoso onde vivem manadas de garranos em modo semisselvagem.

Deixe-se surpreender pela vista de deslumbrantes miradouros naturais sobre o vale do rio Estorãos, com uma panorâmica que se estende por toda a vasta planície aluvial do Lima, até vislumbrar o litoral atlântico na última linha do horizonte. Observe as nuances da gradual mutação da paisagem, à medida que se altera a vegetação, os usos do solo, com as leiras de lavradio a dar lugar aos bosques e povoamentos florestais, atente nas diferentes marcas da presença humana no território, espelho de distintos modos de subsistência, desde a mancha de povoamento contínuo pontuado por Solares até aos núcleos rurais serranos, marcados pela força granítica da arquitetura vernacular, os espigueiros, as eiras e levadas de água. Descubra os numerosos pontos de interesse dedicados ao património ambiental e cultural, sempre com uma história para desvendar ou algo mais para aprender.

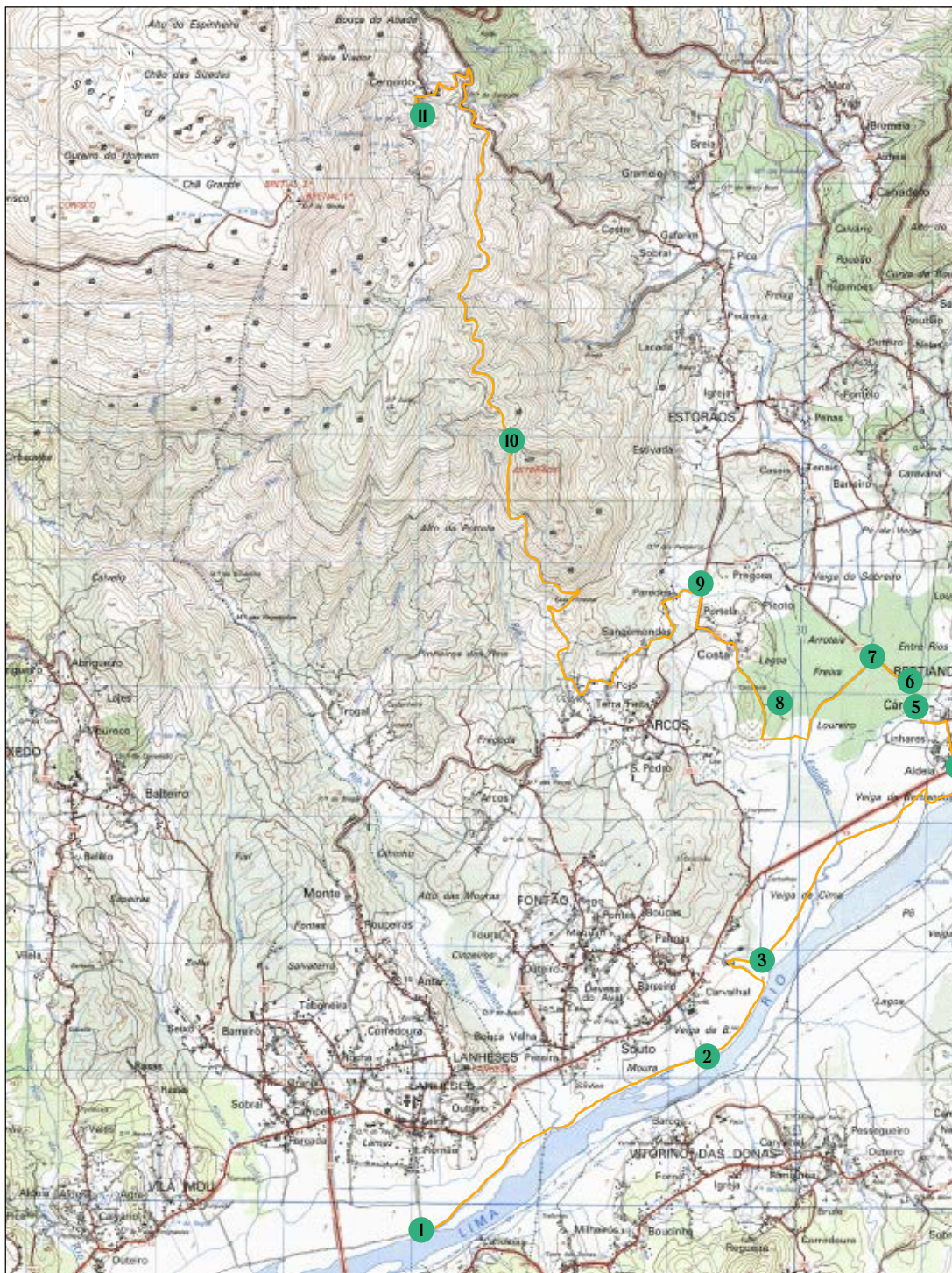
A primeira parte deste itinerário, de feição plana e dificuldade reduzida, desenvolve-se entre o Parque Verde de Lanheses e a zona de lazer de Bertandos, prosseguindo ao longo da planície aluvial da margem direita do rio Lima, entre tradicionais campos de cultivo e vinhedos,



No seu sector terminal, o vale do rio Lima é delimitado a norte e a sul por sistemas montanhosos com altitudes crescentes desde a Serra de Santa Luzia, que atinge os 500 metros, até à Serra de Arga, cujo planalto se desenvolve entre os 700 e os 800 metros. O seu leito insere-se num vale aberto e amplo, com uma extensa planície aluvial. Este é o quadro natural onde se desenvolve a milenar paisagem humanizada da Ribeira Lima. Nesta fértil várzea de solos aluvionares, o intenso e ancestral uso agrícola, apresenta-se inserido numa matriz de povoamento contínuo, embora disperso e de baixa densidade. A paisagem agrária, caracterizada pelo minifúndio e pela policultura, é marcada pela disseminação das culturas do milho e da vinha.

Acompanhando a margem direita do rio Lima entre Lanheses e Bertiandos, percorremos um importante corredor ecológico. A galeria ripícola encontra-se fragmentada alternando com as parcelas de cultivo. Amieiros, freixos, salgueiros, videiros e carvalhos encontram-se entre as espécies mais frequentes nas faixas arbóreas ribeirinhas. O percurso continua pela Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertiandos e São Pedro de Arcos. Experiência imperdível é a travessia a cavalo da única zona húmida classificada no Norte de Portugal, de impressionante beleza cénica, formada, predominantemente, por ambientes lacustres e estuarinos. Alberga ecossistemas como bosques higrófilos, pastagens húmidas, lagoas, rios e pinhais, extremamente relevantes a nível da conservação da biodiversidade, que constituem refúgio, habitat e zona de alimentação para uma grande diversidade de espécies animais e vegetais.

A segunda parte deste trajeto, contrasta na morfologia do relevo, mais acidentado, e no grau de dificuldade, tornando-se mais exigente, pelo grande desnível a superar, cerca de 350 metros de diferença de cota. Por isso, recomenda-se fazer uma pausa para retemperar forças e reforço alimentar de cavalo e cavaleiro, recorrendo aos serviços de apoio ao turista equestre disponibilizados na Quinta de Pentieiros. No limite da freguesia de São Pedro de Arcos, tem início a subida do flanco ocidental do Monte da Formiga, no cume do qual, com cerca de 400 metros de altitude, terá existido o Castelo de Formiga, também conhecido como Castro de Formigoso, povoamento fortificado que remonta à Idade do Ferro, com a posterior ocupação por um castelo medieval. Uma vez superado o topo desta colina íngreme, o percurso segue em direção à aldeia de Cerquido, onde poderá pernoitar em unidades de alojamento aderentes à rede "O Seu Cavalo É Nosso Convidado". Deste último ponto, poderá continuar a sua jornada de descoberta a cavalo, realizando o Percurso Equestre da Serra de Arga, itinerário circular que rodeia todo este maciço montanhoso, acompanhando, por caminhos rurais e de pastoreio, as principais aldeias serranas: Arga de Cima, Arga de Baixo, Arga de São João, Dem e, por fim, Montaria, de onde poderá regressar ao Cerquido.





PERCURSO EQUESTRE DO RIO LIMA À SERRA DE ARGã

PONTOS DE INTERESSE

- 1 Parque Verde de Lanheses
- 2 Embarcadouro de Fontão
- 3 Ponte medieval
- 4 Solar e pelourinho de Bertiaundos
- 5 Ponte de Esteiro
- 6 Moinho do Matias
- 7 Ponte da Freixa sobre rio Estorões
- 8 Centro de Interpretação Ambiental da Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertiaundos e S. Pedro de Arcos
- 9 Quinta dos Pentieiros
- 10 Castro e Castelo do Formigoso
- 11 Cerquido

EMBARCADOURO DE FONTÃO

Fontão terá sido desde tempos recuados, que remontam pelo menos à época medieval, local de travessia do rio Lima, permitindo a passagem a vau para o lugar de Barco, na outra margem, pertencente à atual freguesia de Vitorino das Donas, onde terá existido o povoado tardo-romano de Nossa Senhora do Barco. Note-se a existência de vestígios de ocupação medieval nas imediações da Capela de São Cristóvão. Sublinhe-se ainda a proximidade da Estrada Real 25, construída na segunda metade do século XIX, que unia Viana do Castelo a Ponte de Lima, comprovando para a importância geoestratégica deste cais no que respeita à convergência de acessibilidades terrestres e fluviais, nas ligações litoral – interior e Norte – Sul. Vários autores postulam que o traçado da Moderna «Estrada Real» recalcou o dos caminhos medievais que, por sua vez, assentaram sobre o leito dos caminhos romanos. Esta hipótese poderá aqui ser defendida pela presença de vestígios de ocupação romana desde Lanheses a São Pedro de Arcos.

Neste sector do rio Lima, o encontro entre as correntes que vem de montante e as influências das marés que sobem o rio até Fontão seria especialmente favorável à realização da travessia a vau.



À semelhança do embarcadouro de Fontão, eram numerosas as pequenas estruturas de acostagem nas margens do rio Lima. A localização destes pequenos cais é influenciada pelas condições de acesso e ancoragem ditadas pelas características do leito e das margens, bem como pela necessidade das populações ribeirinhas no que concerne ao transporte fluvial. Muitas vezes estes pontos de acostagem encontravam-se associados a locais de travessia do Lima que ligavam

aglomerados populacionais importantes. Correspondem, na sua maioria, a estruturas palafíticas, constituídas por estacarias, plataformas flutuantes e postes de amarração.

Considerando que as condições de navegabilidade do rio Lima se alteraram substancialmente ao longo do século XX, será importante referir que em séculos anteriores o rio era navegável desde Arcos de Valdevez, onde é conhecida a importância do embarcadouro da Jolda (Santa Madalena), até à sua foz em Viana do Castelo.

Dos principais ancoradouros situados nas margens do rio Lima partiam os água-arriba, embarcações tradicionais que asseguravam a ligação entre margens e o transporte de pessoas e carga para as duas feiras mais importantes da região do vale do Lima: a Feira de Ponte e a Feira de Viana. Os compartimentos disponíveis eram ocupados pelos animais, pelas mercadorias e pelas pessoas. O escoamento comercial da madeira e do vinho verde produzidos no vale do Lima contava com o apoio indispensável destes barcos. No sentido oposto, o sal, a cal, os adubos, o sulfato e o enxofre eram fornecidos às comunidades agrícolas por via fluvial.



PONTE MEDIEVAL

Esta ponte, de provável idade medieval, serviria uma das mais antigas vias de ligação entre Viana do Castelo e Ponte de Lima, integrando a localmente designada Estrada da Veiga, apenas transitável nos meses de menor pluviosidade, em que o caudal do rio Lima não transbordava do seu leito. Durante as cheias, as populações recorriam um itinerário alternativo, fora da planície de inundação. Este segundo itinerário, que passava na ponte do Arquinho, localizada a norte da atual estrada nacional, coincide com a Estrada Real oitocentista.

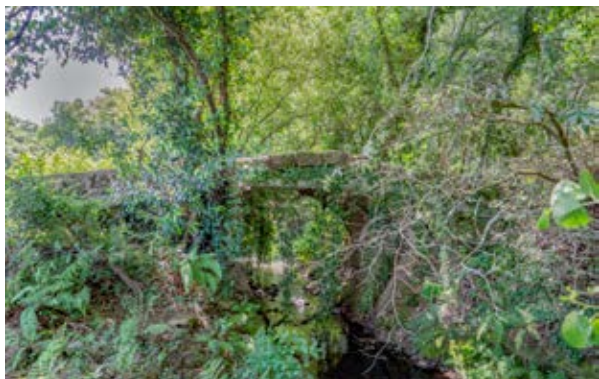
Segundo José Rosa de Araújo (1962): *“O caminho servindo por estas pontes tão dignas de respeito — e vindo desde a bifurcação de Fontão até ao cruzeiro de Bertianos — era a célebre estrada da veiga — de que tanto nos falaram em Esturões, utilizada apenas, como se disse nos meses em que as cheias do rio Lima a deixavam transitável. Encurtava singularmente a distância entre Lanheses e Ponte de Lima, além de ser caminho muito mais ameno e livre de maus encontros tão frequentes em toda a primeira metade do século XIX.”*

Sobre o itinerário da Estrada Real na freguesia de Fontão, José Rosa de Araújo (1962, p. 69-70) realiza a seguinte descrição:

“Vinda de Lanheses, e ainda em trajeto francamente reconhecível a estrada velha entra em Fontão (início do concelho de Ponte de Lima) a atravessar os terrenos encharcados pelo regato da Silvareira. Passa logo sobre um pequeno pontão constituído apenas por um arquinho, de construção românica, ao que podemos verificar, lançado sobre o caudal permanente do celebrado Rio Pôdre que, poucos metros a jusante, desagua no regato principal, chamado rio de Fontão. Segue-se um lindíssimo troço de cerca de duzentos metros em linha recta, com uma passadoura do lado esquerdo e a todo o comprimento, e imediatamente pega na ponte chamada do Arquinho”.

O mesmo autor apresenta a seguinte descrição da Ponte do Arquinho:

“Segue-se-lhe a ponte de extensão nada comum, de pavimento horizontal, com o seu lajeado completo na



rampa do lado ocidental, e pavimento médio, faltando apenas algum na rampa da banda do oriente, donde só escapou parte da bordadura. Total, incluindo as rampas: 50 metros, por 3,50 de largo. [...] Arco central, de volta plena, de 6 metros de abertura por cerca de 1,60m de altura.” (ARAÚJO, 1962, p. 72)

O relator das Memórias Paroquiais de 1758, comprova a antiguidade deste eixo de circulação regional, que passava sobre o leito do rio Fontão:

“O rio Fontão esse é até navegável por força das circunstâncias no Inverno, quando se cobre de água as campinas, terra plana, por onde «nessa ocasião sobem alguns barcos pequenos para passar a gente de Lanheses para Fontão, por ser estrada real que vem de Viana para Caminha»” (CAPELA, 2005).

SOLAR E PELOURINHO DE BERTIANDOS

O Solar dos Bertandos é uma das mais notáveis casas senhoriais do Norte do país. A sua arquitetura, que agrega elementos quinhentistas e barrocos, é reflexo das vicissitudes da história desta família.

A génese desta Casa remonta ao século XV, quando Fernão Pereira e sua mulher, Maria Vasques Malheiro, o receberam em troca do padroado da igreja de S. Tiago de Cristelo. Em 1566, Inês Pinto, nora dos primitivos donos, edifica uma torre medieval ameada, que ainda hoje se encontra no centro do solar.

Inês Pinto estabeleceu dois vínculos, doando-os a cada um dos seus filhos. As duas partes mantiveram-se em disputa ao longo de várias gerações, sendo depois reunidas através do casamento de dois primos, em 1792. Esta separação dos vínculos levou à edificação de dois edifícios em alas separadas contíguas à torre, dotados de relativa simetria, embora o corpo oriental, dotado de torreões, se apresente mais avançado.

No terreiro frontal ao Solar encontra-se um Marco miliário romano epigrafado, do século III, transformado em pelourinho de pinha cónica embo-lada na centúria de seiscentos ou setecentos.



Todo o conjunto ostenta traça barroca, pelo cuidado decorativo que é posto na fachada, mas revela, pelas soluções arquitetónicas, um gosto maneirista. Evidencia-se a escadaria central, característica do barroco nor-tenho. Pormenor curioso é uma seteira móvel numa das janelas sobre a escadaria, que defendia a casa dos ataques dos bandos armados, muito frequentes em finais de setecentos e em oitocentos.

O corpo oriental do Solar é rasgado por uma colunata, coroada por friso simples. Os torreões simétricos são rematados por duplos pináculos. No corpo ocidental, salienta-se um núcleo central, no qual sobressai dupla arcaria no andar térreo, à qual se sobre- põe uma varanda formada por duas portas-janelas.

No interior, destacam-se as salas de cariz setecentista, a biblioteca e a capela do século XVII.

Está classificado como imóvel de interesse público desde 1977.

No terreiro frontal ao Solar encontra-se um Marco miliário romano, do século III, transformado em pelourinho, de pinha cónica embo-lada, na centúria de seiscentos ou setecentos.

Este marco miliário, erguido junto à estrada romana que ia de Braga a Tui, data de 235 / 238 d.C., remontando ao tempo dos Imperadores Maximino e Máximo. Em 1641, o marco foi encontrado enterrado na freguesia da Feitosa e mandado trazer para Bertandos por Frei António Pereira Lima. Em Bertandos, foi acrescentado um remate superior ao marco, encimando-o cruz de ferro. À epigrafe romana foi aposto um breve memorando. Em 1750, Bertandos é elevada a vila. Em 1795, constituindo-se o Couto de Bertandos, o marco foi colocado junto da cadeia e próximo do rio, destinando-o a pelourinho do concelho. No século XIX, com a extinção do couto de Bertandos, o marco foi colocado defronte do Solar.



PONTE DE ESTEIRO



Desenho de José Rosa de Araújo (1962)

A ponte de Esteiro, sobre o ribeiro de Leira Longa, afluente do rio Esto-
rãos, remonta, pelo menos, aos séculos XVI / XVII. Situa-se no limite sul
do lugar de Entre Rios, numa área de transição entre as veigas, predom-
inantemente agrícolas, e as designadas tapadas, caracterizadas pela
alternância entre espaços abertos, associados às pastagens naturais, e
espaços fechados, com densa vegetação arbórea, dominada por carval-
hos, amieiros, salgueiros e videiros.

Servia uma das variantes da antiga Estrada Real, construída cerca de
1872: única via que, até à abertura da EN 202, estabelecia a ligação à vila
de Ponte de Lima e à capital do distrito, assim como com as freguesias
vizinhas. Possui dois arcos de volta quase perfeita.



Sobre esta ponte, relata-nos José Rosa de Araújo,
em 1962, em *"Caminhos Velhos e Pontes de Viana e
Ponte de Lima"*:

*"E, um pouco mais à frente, nova ponte, a do Es-
teiro, que nos patenteia nítida construção medieval.
Dois arcos, de volta plena; do pavimento primitivo,
mostram apenas os rampeados. Os arcos mostram a
possante ossatura já com fundas rilheiras no dorso,
mas ainda muito sólidas, para desafiarem a passa-
gem dos anos e das gerações desleixadas.*

*Patenteia a singularidade de ali se virem juntar dois
regatos, que depois de passarem cada um pelo seu
arco, constituem um só curso de água. O da margem
direita, chama-se do Esteiro, o da esquerda do Carabel.*

*Como o leito estava seco, pudemos à vontade exa-
minar e medir a ponte venerável. Dezasseis metros
de extensão, incluindo as rampas, por três metros
de largo. A abertura dos arcos é de quatro metros,
cada um. A altura é desigual: o de poente 0,95m, o
de nascente 1,10m. [...] Interiormente ambos os arcos
se encontram com siglas em todas as pedras: SS, LL,
=, II, XX colocadas em todas as posições."* (ARAÚJO,
1962, pp. 85-86)

MOINHO DO MATIAS

Antiga azenha, construída entre os séculos XIX e XX. Este engenho de moagem, hoje em ruínas, terá correspondido a uma azenha de roda exterior vertical, que aproveitava a energia hidráulica para a transformação dos cereais em farinha.

Na bacia hidrográfica do rio Lima, encontram-se dois tipos de moinhos de água, os de roda horizontal ou rodízio, que predominam nos cursos de água de montanha, e os de roda vertical, denominados de azenhas, geralmente localizados em áreas de planície.

As azenhas de roda exterior vertical são construções maior dimensão do que os moinhos de rodízio, apresentando boa alvenaria e, frequentemente, telhado de duas águas, servindo frequentemente de residência do moleiro. Localizam-se no curso final dos rios de maior caudal. O aproveitamento da energia cinética da água é potenciado através de um açude ou represa, que a armazena e conduz o caudal para uma comporta. A água é dirigida de forma a bater nas pás da roda no ponto e na intensidade certas, para que o impacto impulse a rotação. O movimento vertical da roda é multiplicado através de um sistema de rodas dentadas, que transformam cada volta vertical da roda da azenha em seis voltas horizontais da mó, imprimindo-lhe maior potência e velocidade.

O moinho de água, e dentre estes o moinho de rodízio, invenção grega, foi de longe o mais disseminado sistema de moagem no rio Lima e seus afluentes. Segue-se a azenha de roda vertical, também conhecida como moinho romano, de invenção mais recente (século I a.C.).

A azenha, inspirada no ancestral sistema da nora persa, muito utilizada antigamente para a captação da água, surge, pela primeira vez, citada na obra *De Architecture*, de Vitruvius (século I a.C.).

Embora os autores clássicos e a arqueologia confirmem a presença destes engenhos de moagem nas províncias ibéricas do Império Romano, sobretudo em várias partes da Lusitânia e da Bética, Brochado de Almeida *et al.* (2009) considera improvável a sua presença no norte da Península, nomeadamente nos antigos territórios pertencentes a Bracara, Lucus e Asturica, não sendo conhecidos vestígios arqueológicos destas estruturas com datação romana. Nos níveis ar-



queológicos romanos e altomedievais das estações arqueológicas da bacia do Lima encontram-se essencialmente moinhos manuais rotativos. Somente em plena Idade Média, as Inquirições de 1220 e 1258 confirmam a ampla dispersão do moinho de água na Ribeira Lima.

A partir dos finais da época moderna, ocorrem importantes transformações da paisagem agrícola. A revolução do milho, isto é, a disseminação do milho maiz e do trigo, e o emprazamento de áreas baldias com o intuito de se aumentar a área cultivável, sobretudo no reinado de D. Maria I, contribuíram para o crescimento da produção cerealífera e consequente aumento do número dos engenhos de moagem. Datam deste período a maior parte dos moinhos de água que encontramos na bacia do rio Lima.

O cadastro de moagens do Arquivo Hidrográfico do Porto regista, nos anos quarenta do século XX, cerca de 2041 engenhos de moagem de cereais na bacia hidrográfica do rio Lima. Integrados no concelho de Ponte de Lima, contavam-se cerca de 246: 231 moinhos e 15 azenhas. Na margem direita do Lima, Estorões encontrava-se entre as freguesias com maior número de engenhos, cerca de 21, 18 dos quais moinhos de água e 3 azenhas, localizadas nas margens do rio Estorões (GONÇALVES, 2013).



PONTE DA FREIXA E RIO ESTORÃOS

A ponte da Freixa, sobre o rio Estorãos, é uma estrutura viária cuja construção deverá recuar, provavelmente à centúria de oitocentos, servindo uma das variantes da Estrada Real de ligação entre Viana do Castelo e Ponte de Lima, que passava à Igreja Paroquial de Fontão, à Quinta da Lage, à Igreja Paroquial de São Pedro de Arcos e à Quinta de Pentieiros, ponto a partir do qual se podia seguir para a Ponte de Estorãos ou para a Ponte da Freixa, conduzindo a Bertiandos, pelo lugar da Cárdua, esta última alternativa apenas viável fora do tempo das cheias.



José Veiga de Araújo (1962, pp.79-80) em "Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima", descreve o traçado desta variante:

"Voltando atrás à bifurcação da estrada velha logo após a tão curiosa ponte de Fontão, vamos agora palmilhar o celebrado e velhíssimo caminho de cima que, para já, nos leva à ponte de Estorãos. Seguiu ele a estradinha (agora empedrada à moderna) que passa junto do portal armoriado da Quinta do Retiro, (século XIX, princípios), tornaria, por ocidente, o lugar do Outeiro, iria por detrás da actual Igreja paroquial de Fontão e viria ao largoinho junto do Senhor das Necessidades, onde se lhe juntava o caminho que vinha da Serra de Arga e ainda hoje segue quem, lá de cima, vem, a pé, para a feira de Ponte. [...] Dali, em zig-zagues - alguns troços ainda lageados mas dentro já, de propriedades particulares, passaria pelo sul da Quinta da Lage e devia passar junto da igreja paroquial de São Pedro de Arcos depois de correr por umas alminhas curiosas que ainda se vêem no meio de um cerrado pinheiral. Seguiria até à Portela, trilhando o piso da actual estrada camarária e atravessando-a, para Paredes e Pentieiros, passando à porta desta interessantíssima casa. Um pouco mais à frente junto do cruzeiro de Pentieiros, havia nova bifurcação; uma estrada seguiria até à ponte de Estorãos. Outra de que falaremos mais adiante atravessava a ponte da Freixa e a do Arquinho e entraria no lugar da Cárdua, em Bertiandos, junto do cruzeiro paroquial."

Sobre o trajeto compreendido entre o cruzeiro de Pentieiros e o lugar da Cárdua, freguesia de Bertiandos, descreve-nos José Rosa de Araújo (1962, p. 85):

"Sai, como dissemos, no Cruzeiro de Pentieiros e desce o lugar da Pregosa, caminho rude, de encosta, quasi todo ladeado de pinheirais. Atravessa a Arroteia, topónimo que indica claramente a braveza não mui-

to longínqua do sítio. Depois mete às Ralas. Constitui este lugar uma planície hostil à vegetação; à nossa direita é o terreno encharcado da antiga Lagoa (onde nasce o rio da Vala), drenada há poucos anos para o rio Lima, dada a insalubridade do sítio e a pedido dos seus mais próximos moradores. À esquerda o regatinho da Leira Longa, marginado, à farta, pela vegetação selvagem. Das Ralas, mete o caminho aos tufos bastos de amieiros e, pouco depois estamos da ponte da Faixa, sobre o ribeiro de Estorãos. Trata-se de uma ponte moderna, com parapeitos de cimento armado. Na margem esquerda, gravado na argamassa: O. P. = J. A. E. = 1939. (Obras Públicas—Junta Autónoma de Estradas). Veio substituir uma ponte de madeira que é a mais antiga lembrança das gerações actuais. Mas a velhíssima ponte deveria ter sido outra, que uma cheia maior danificou irremediavelmente."

Neste ponto, o percurso inflete à direita acompanhado a margem do rio Estorãos, através de uma alameda de amieiros, salgueiros e carvalhos.

O rio Estorãos nasce a 325 metros de altitude, possui uma extensão de 14km, drenando uma área próxima dos 5000ha. A sua bacia hidrográfica é, genericamente, delimitada pelas Serras de Arga e Cabração. O seu caudal apresenta por uma forte variação sazonal.

Este rio desempenha um importante papel na conservação da biodiversidade, albergando diversas espécies de conservação prioritária, salientando-se, nos peixes dulçaquícolas, a panjorca, o esgana-gata e a boga-comum. Nos peixes migradores, que sobem o rio até aos locais de desova, destacam-se a truta, a enguia, o salmão e a lampreia-marinha. O rio é ainda importante para várias espécies de anfíbios e aves, como o guarda-rios, cobras-de-água, sendo, igualmente, vital para a lontra.

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DA ÁREA PROTEGIDA DAS LAGOAS DE BERTIANDOS E SÃO PEDRO DE ARCOS (ADJACENTE AO PERCURSO)

Declarada Zona Húmida de Importância Internacional, pela raridade dos seus habitats e pela elevada biodiversidade que sustenta, a Área Protegida das Lagoas de Bertiandos e São Pedro de Arcos desenvolve-se em torno de duas lagoas e margens do Rio Estorãos, numa área total de cerca de 350 hectares.

O Centro de Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida das Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos proporciona um conjunto alargado de atividades de educação ambiental e constitui-se como o ponto de partida para a descoberta desta área protegida, através de percursos pedestres, rotas e postos de observação. Possui ainda um espaço expositivo / interpretativo dos valores naturais e culturais da região, mediateca, auditório e uma loja.

Esta Área Protegida visa a conservação da única Zona Húmida classifica do Norte de Portugal, que ocupa a depressão atravessada pelo sector final do rio Estorãos, afluente do Lima, abrangendo as lagoas de S. Pedro e Mimoso. As lagoas são rodeadas por pastagens húmidas naturais com sebes de compartimentação, bosquetes de folhosas e, nas colinas circundantes, por povoamentos florestais (pinhais), nas veigas

subsiste a prática agrícola e, em áreas limítrofes, há vinha em bordadura e olival disperso. Galerias de vegetação ripícola acompanham as linhas de água.

A Área Protegida desenvolve-se no alvéolo de Bertiandos, depressão que resultou da erosão diferencial do granito de duas micas de Antelas e Santo Ovídio. Segundo Carlos Leal Gomes (2008) "o granito que rodeia quase totalmente o alvéolo aparenta uma forma em domo esventrado" conhecida como anel de Santo Ovídio ou anel de Bertiandos.

A nível patrimonial, encontram-se nas freguesias integradas na Área Protegida vestígios arqueológicos apontando para a possível existência de unidades de exploração de dimensão familiar datadas da romanização ("casais romanos"). Entre estas são dignos de nota a Quinta da Lage e a Quinta de Pentieiros (S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima). Nos lugares de Castanheira e Louredo (Sá, Ponte de Lima) a descoberta de "*tegulae*" sugere a existência de habitats romanos. O lugar de Casais (Estorãos, Ponte de Lima) corresponde a uma vasta área mineira explorada na época romana, muito provavelmente apoiada pelo castro da Bouça, um habitat mineiro de baixa altitude, com ocupação contínua durante a Idade do Ferro e Romanização.



QUINTA DE PENTIEIROS

A Quinta de Pentieiros disponibiliza um importante conjunto de estruturas e serviços, destinados a apoiar a Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos no que se refere à oferta de alojamento e ao desenvolvimento de atividades lúdicas e de lazer associadas ao espaço rural. É uma verdadeira quinta pedagógica, com raças pecuárias autóctones, apicultura, estábulos, cavalariças, parques de gado, estufa, viveiros, campo de plantas aromáticas e medicinais, horta pedagógica e pomares.



A Quinta de Pentieiros dispõe de um conjunto de equipamentos e espaços de apoio ao turista equestre, incluindo restaurante de gastronomia regional, Bungalows ecológicos, Casas de Abrigo, Parque de Cam-pismo Rural e albergue.

Neste museu vivo do mundo rural é possível conhecer as principais raças e espécies autóctones e atividades agropecuárias tradicionais, oferecendo-lhe uma experiência autêntica da ruralidade do Alto Minho, onde poderá tosquiá-lo uma ovelha, montar a cavalo ou participar no maneio animal e em diversas atividades do calendário agrícola.

No que ao património histórico-arqueológico diz respeito, será de destacar a relevância dos vestígios do período da romanização aqui encontrados. A *villae* de Pentieiros (Arcos/ Estorãos) terá sido uma ocupação de base agro-pastoril, identificada pela forte presença de cerâmicas comuns romanas, fragmentos de *dolia*, pesos de tear e grande quantidade de *tegu-*

la, assim pela pedra facetada que se encontrou um pouco por toda a propriedade da Quinta de Pentieiros (BROCHADO, 2004). Refira-se ainda que a proximidade do povoado da Bouça do Castro e da Corta de Casais (ALMEIDA, 1996, pp. 113-115) poderá indiciar o controlo mineiro da região vizinha.

No âmbito do património edificado, é ainda digna de nota a Casa de Pentieiros, de que foi senhor Gonçalo de Sousa Menezes, e que teve, durante o séc. XVII, o mesmo morgado que o solar de Bertandos, Francisco Pereira da Silva.

CASTRO E CASTELO DA FORMIGA

No topo desta elevação íngreme, que se destaca do relevo circundante com cerca de 390 metros de altitude, foram descobertos os vestígios do Castelo de Formiga, também conhecido como Castro de Formigoso, povoamento fortificado que remonta à Idade do Ferro, com subsequente ocupação por um castelo medieval. Dotado de excelente posição geoestratégica e extensa bacia visual domina o vale do Estorãos e o vale do Lima, controlando as acessibilidades fluviais.

Na vertente sudoeste da serra de Arga, entre os alinhamentos da ribeira da Silveira e do sector terminal do vale do Estorãos, desenvolve-se uma cumeada alongada de orientação NNE-SSW, entre os lugares de Santa Justa e Alto de Estorãos, no limite da qual ergue-se um íngreme cabeço que atinge os 420 metros de altitude, em forma de cone aguçado. A saliência morfológica desta elevação do relevo envolvente prende-se com a dureza do substrato litológico, constituído por um micaxisto andaluzítico, marcado a nível estrutural pela foliação NW-SE da 3ª fase Varisca.

Neste cabeço, nas imediações do lugar de Alto de Estorãos, situa-se um Castro e Castelo, habitat com ocupação desde a Idade do Ferro à medieval, designado por “da formiga”, ou formigoso, num posicionamento geoestratégico com excelente domínio visual e controlo defensivo de parte considerável do vale do rio Lima. Há vestígios de duas muralhas, uma das quais envolve a coroa e que parece ser de construção medieval (SILVA, 1986; ALMEIDA, 1990; ALMEIDA, 1996).



FICHA TÉCNICA

Nome do Percurso

Percurso Equestre da Serra de Arga

Entidades Promotoras

Município de Viana do Castelo

Município de Ponte de Lima

Município de Caminha

Tipo de Percurso

Grande Rota

Localização

Montaria (Viana do Castelo) – Dem
(Caminha) – Cerquido (Ponte de Lima)

Pontos de Início Recomendados

Montaria (41°47'26.22" N 8°43'45.13" W)

Cerquido (41°48'21.20" N 8°40'35.66" W)

Dem (41°50'28.17" N 8°46'21.90" W)

Distância

37 km

Distância / Tempo por Etapa

Montaria – Dem - 9 km | 2 h.

Montaria – Cerquido - 8 km | 2 h.

Cerquido – Dem - 20 km | 4 h.

Cota máxima atingida

578 m (Arga de Cima)

Cota mínima atingida

243 m (Dem)

Duração

3 horas

Grau de Dificuldade

Moderado

Âmbito do Percurso

Paisagístico/Patrimonial/Cultural

CONTACTOS ÚTEIS

Câmara Municipal de Viana do Castelo

(+351) 258 809 300

Câmara Municipal de Caminha

(+351) 258 710 300

Câmara Municipal de Ponte de Lima

(+351) 258 900 400

Viana Welcome Centre

(+351) 258 098 415

Centro de Interpretação da Serra D'Arga

(+351) 258 721 708

Unidade Local de Saúde do Alto Minho

(+351) 258 802 100

Bombeiros Municipais de Viana do Castelo

(+351) 963 442 205 / (+351) 258 840 400

Bombeiros Voluntários

de Viana do Castelo

(+351) 258 800 840

Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima

(+351) 258 909 200

GNR – Guarda Nacional Republicana

(+351) 258 840 470

PSP – Polícia de Segurança Pública

(+351) 258 809 880

SOS 112

SOS Floresta

117

PERCURSO 2.

PERCURSO EQUESTRE DA SERRA DE ARGA

Apresentação do Percurso

O Percurso Equestre da Serra de Arga, com cerca de 37 km, abraça três concelhos – Viana do Castelo, Caminha e Ponte de Lima. Este itinerário circular rodeia todo o maciço da Serra de Arga, usando ancestrais caminhos rurais e de pastoreio.

Desenvolve-se entre os 300 e os 500 metros de altitude, na base do batólito granítico central da Serra de Arga, unindo as principais aldeias serranas: Montaria, Cerquido, Dem, Arga de São João, Arga de Baixo e Arga de Cima. Estes núcleos de povoamento, que concentram a ocupação humana na serra, aproveitam chãs, sectores de morfologia menos acidentada, que interrompem o declive das vertentes, que pela acumulação sedimentar possuem maior fertilidade, favorecendo a prática agrícola.

Acima dos 500 metros de altitude, a imponência das formas graníticas modela a feição mais agreste da serra, suavizada pelos matizes das pastagens naturais de montanha, de impressionante diversidade florística, e dos matos, com destaque para os urzais-tojais galaico-portugueses, cuja época de floração, entre abril e maio, pinta as vertentes serranas de amarelo e violeta, num quadro de impressionante beleza natural. Frequentemente são observados garranos, espécie que aqui encontra o seu habitat e vive em estado semisselvagem.

Em contraste, a paisagem que envolve os núcleos rurais é marcada pelo rendilhado de ribeiros e campos de cultivo, muitas vezes em socalcos, divididos e suportados por muros de pedra solta, em xisto e granito. Nas aldeias sobressai a força granítica da arquitetura vernacular. Persistem ainda diversos exemplos de casas cuja traça respeita as características da arquitetura do Alto Minho, de dois pisos e sobrado, o superior habitacional, o inferior ocupado pelas cortes dos animais, às quais se anexa o eido, a eira e os tradicionais espigueiros. Destacam-se também os numerosos moinhos de água de rodízio horizontal, as levadas de água, as pontes, pontões, fontes e lavadouros. Partindo do centro da freguesia da Montaria, poderá realizar este percurso equestre em ambos os sentidos.

Tomando a direção Noroeste, este trajeto irá conduzi-lo até à aldeia de Dem, percorrendo uma distância de 11 km, a meia-encosta, através da vertente ocidental da Serra de Arga. Este é um percurso secular e pleno de simbolismo, sendo próximo ao caminho realizado pelos peregrinos que rumavam a Santiago de Compostela, percorrendo o iti-



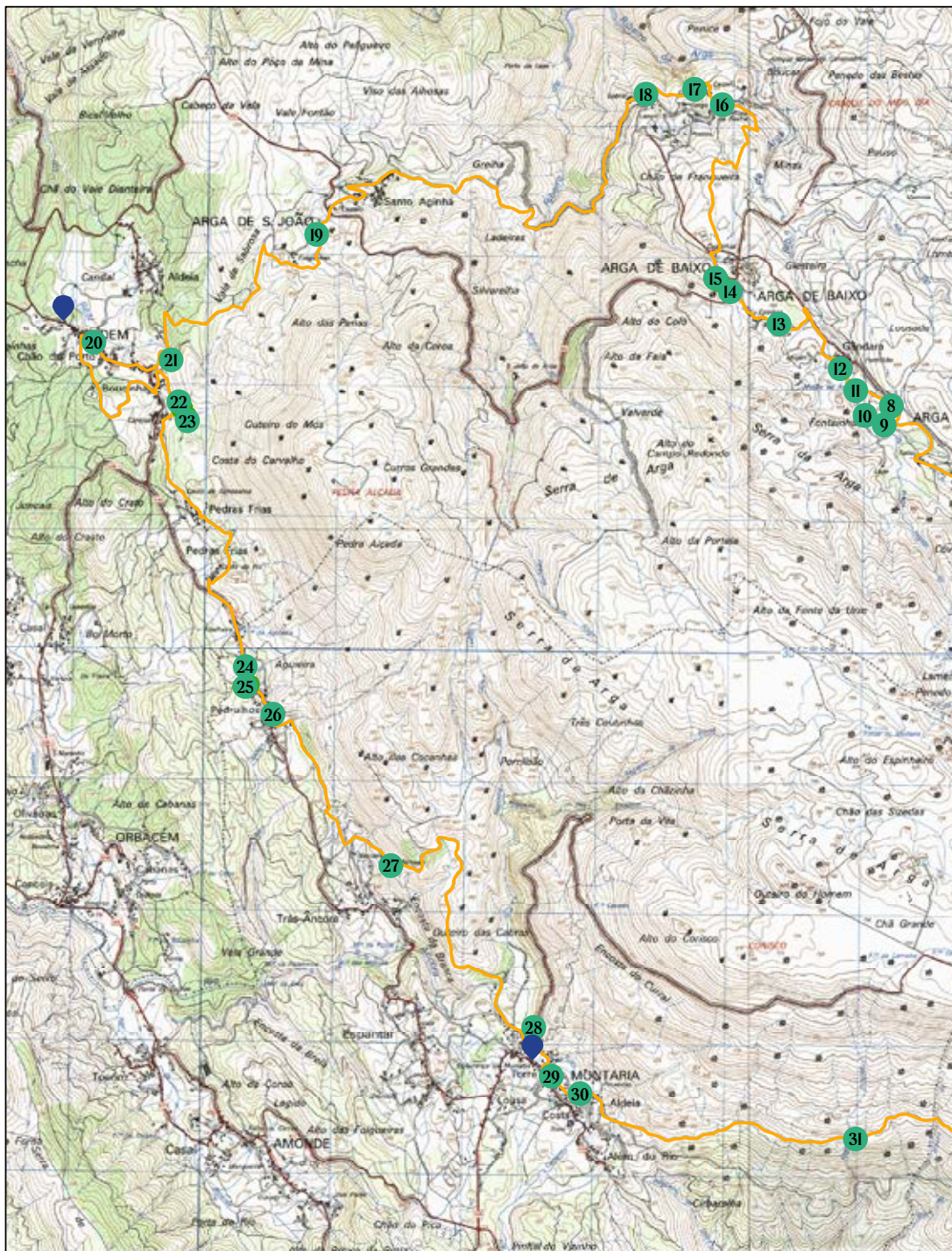
nerário que, vindo de Barcelos, atravessava o rio Lima no Lugar da Passagem (Moreira de Geraz do Lima) e, desde Lanheses, subia a São Loureço da Montaria. Este caminho atravessava a Serra de Arga, seguindo em direção a Dem e Vilar de Mouros, e cruzava o rio Minho em Vila Nova de Cerveira (Almada, 2000). De Dem o percurso continua até Arga de Baixo, através da vertente mais setentrional da Serra de Arga, voltada a Noroeste. De Arga de Baixo ruma em direção ao Cerquido, atravessando a fachada oriental da Serra de Arga.

Se desde a Montaria tomar a direção sudeste, seguirá em direção à típica aldeia do Cerquido, percorrendo um caminho serrano, que sobe dos 300 até aos 450 metros de altitude através da vertente meridional da Serra de Arga, seguindo por ancestrais caminhos de romaria até Quartéis de Santa Justa. Ao longo deste trajeto poderá usufruir de uma impressionante vista sobre a paisagem dos vales dos rios Estorãos e Lima.

Cerquido designa “souto de carvalhos cerquinhos”. Era frequente nestas rechãs o surgimento de pequenos bosques de carvalho que crescem, sobretudo, na proximidade dos cursos de água. O topónimo local “socrasto” indicia a existência de um habitat romano ou pré-romano no lugar de Cerquido. A ocupação antrópica desta área da Serra de Arga remonta à Idade do Ferro, sendo influenciada não só pela existência de condições propícias à prática agrícola, a nível morfológico, edáfico e de disponibilidade hídrica, bem como pela presença de jazidas minerais em Arga de Baixo, Arga de Cima e Estorãos, nomeadamente nos lugares de Cavalinho, Cova dos Mouros e Cerquido.

Partindo da aldeia do Cerquido, poderá realizar este percurso equestre em direção à Montaria, percorrendo a vertente meridional da Serra de Arga ou em direção a Arga de Cima, percorrendo a vertente noroeste.

Do Cerquido à Montaria irá atravessar um percurso serrano que oferece impressionantes vistas sobre a paisagem dos vales dos rios Estorãos e Lima, seguindo por ancestrais caminhos de romaria até Quartéis de Santa Justa. Desde a Montaria poderá prosseguir até à aldeia de Dem, através da vertente ocidental da Serra de Arga. Este é um percurso secular e pleno de simbolismo, sendo próximo ao caminho realizado pelos peregrinos que rumavam a Santiago de Compostela (Almada, 2000).





PERCURSO EQUESTRE DA SERRA DE ARGA

PONTOS DE INTERESSE

- 1 Cerquido
- 2 Povoamento de sobreiros
- 3 Vestígios mineiros
- 4 Fojo do lobo do Alto do Cavalinho
- 5 Sítio de Importância Comunitária da Serra de Arga
- 6 Arga de Cima
- 7 Moinhos do Covão
- 8 Capela de Santo Antão
- 9 Igreja Paroquial de Arga de Cima
- 10 Pontão do lobo
- 11 Moinhos da Gândara
- 12 Fonte e Lavadouro da Gândara
- 13 Casa do Marco - Arte na Leira
- 14 Fonte da Salgueira
- 15 Igreja Paroquial de Arga de Baixo
- 16 Capela da Senhora da Rocha
- 17 Queda de Água das penas
- 18 Núcleo Rural do Sobral
- 19 Igreja Paroquial de Arga de São João
- 20 Igreja Paroquial de Dem
- 21 Moinho e pontelha do Cubanco
- 22 Moinho das Ínsuas
- 23 Presa de Fonte Miosa
- 24 Relógio de Sol e Moinhos de Pedrulhos
- 25 Capela de São Francisco
- 26 Capela de São Mamede
- 27 Antigos Viveiros Florestais da Montaria
- 28 Igreja Paroquial de S. Lourenço da Montaria
- 29 Moinhos da Montaria
- 30 Habitat Rede Natura 2000
- 31 Miradouro para o vale de Estorões
- 32 Quartéis de Santa Justa
- 34 Cerquido



Pontos de Início
Recomendados

CERQUIDO

Este pequeno núcleo rural incrustado na vertente oriental da Serra de Arga reúne as condições ótimas para a fixação de uma comunidade serrana, alicerçada numa economia de subsistência de base agro-silvo-pastoril, beneficiando da proximidade entre áreas de pastagens naturais, de espaço florestal e de terras aráveis.

Note-se que Cerquido designa “souto de carvalhos cerquinhos”. Era frequente, nestas rechãs que se desenvolvem em diferentes vertentes da Serra de Arga, entre os 300 e os 500 metros de altitude, o surgimento de pequenos bosques de carvalho que crescem, sobretudo, na proximidade dos cursos de água.



O topónimo local “socrasto” indicia a existência de um habitat romano ou pré-romano no lugar de Cerquido.

Na área envolvente da aldeia, localizam-se as parcelas de agricultura de subsistência, onde o regime de policultura se caracteriza pela conjugação das culturas permanentes e temporárias, com destaque para as hortícolas e cerealíferas. Em muitos casos, as parcelas culturais expandem-se para a base das vertentes, através de socalcos.

A maioria dos solos com aptidão agrícola existentes nestas rechãs está relacionada com a erosão do granito do maciço central. Os cursos de água entalhados nas vertentes graníticas desfrutam de grande disponibilidade de material para transportar, favorecendo assim a deposição de sedimentos fluviais nas áreas de menor declive situadas a jusante, proporcionando a fertilidade dos solos.

A ocupação antrópica na vertente oriental da Serra de Arga encontra-se documentada desde a Idade do Ferro, é influenciada não só pela existência de condições propícias à prática agrícola a nível morfológico, edáfico e de disponibilidade hídrica, bem como pela presença de jazidas minerais. Uma análise sumária do padrão de distribuição dos povoados castrejos tradicionais nesta região evidencia que estes não se implementam preferencialmente nas altitudes mais elevadas, mas sim em locais com boas condições naturais de defesa e bem posicionados no que se refere ao controlo das acessibilidades naturais, estando quase sempre na dependência direta de uma linha de água. Entre os critérios e fatores que parecem presidir à sua localização destaca-se a proximidade a espaços favoráveis à agro-pastorícia, designadamente solos férteis e pastagens naturais, bem como a existência de outros recursos, nomeadamente os piscícolas, as salinas e as jazidas minerais.

Diversos topónimos locais indiciam a probabilidade de ocupação castreja, designadamente as referências a castro e castelo. O topónimo “socrasto” associado à identificação de vestígios de *tegulae*, indicia a existência de um habitat romano ou pré-romano no lugar de Cerquido, implantado numa pequena rechã da vertente oriental da Serra de Arga. Brochado de Almeida (1990:176) afirma que este habitat, ainda não confirmado pela dificuldade de realização de escavações, ter-se-ia localizado precisamente sob o atual aglomerado.



POVOAMENTO DE SOBREIROS EM VERTENTE EXPOSTA A SUL

No nível aplanado que se desenvolve na base do maciço granítico central, entre o Cerquido e as aldeias das Argas, surgem pontualmente, especialmente ao longo das linhas de água, pequenos bosques e galerias ripícolas compostas por espécies de folhosas autóctones, como carvalho-alvarinho, sobreiro, bétula, amieiro e azevinho, entre outras.

O povoamento de sobreiros que aqui observamos será indiciador de características microclimáticas específicas e reflexo da boa adaptação desta espécie à escassez hídrica e aos solos mais pobres do substrato xistento.



VESTÍGIOS MINEIROS (ADJACENTE AO PERCURSO)

Encontramo-nos numa linha de contacto entre o maciço granítico central da Serra de Arga e uma extensa mancha de xistos negros, onde intrusões de filões aplo-pegmatíticos. Esta imponente vertente corresponde a uma importante falha tectónica, conhecida por desligamento Vigo-Régua, de orientação NNE-SSW. A falha encontra-se associada à zona de cisalhamento mineralizada de Argas-Cerquido (Gomes, 2008:88).

Numerosos vestígios testemunham a existência da atividade mineira, desde a romanização. Na época contemporânea, a exploração mineira na Serra de Arga iniciou-se na década de 40 do século XX, tendo-se mantido até aos anos 70 ou mesmo 80. À saída do Cerquido em direção a Arga de Cima, podem observar-se as escombrelas e edifícios da antiga mina do Fulão, exploração mineira de volfrâmio, estanho, tântalo e ouro, cuja concessão era da responsabilidade da empresa MIPOLI – Minas de Ponte de Lima. As construções ainda visíveis, as designadas ‘Casa do Pessoal’ e ‘Casa da Direção’, serviram para albergar antigos trabalhadores mineiros e engenheiros e direção da concessionária. Ao fundo, junto ao ribeiro, funcionava a lavaria desta concessão.



Mais acima, no lugar da Bouça do Abade, encontra-se a mina do “Cavalinho”, cujos vestígios se podem observar junto à estrada que liga o Cerquido a Arga de Cima. Trata-se de uma antiga exploração mineira de volfrâmio e estanho da responsabilidade da empresa Entrepósito Mineiro do Minho, em funcionamento na década de 40 do século passado. Presentemente ainda é possível observar uma galeria e uma trincheira. Por cima das minas, junto à estrada, encontra-se uma escombrela de dimensões consideráveis. Próximo da galeria existe, também, uma casa de xisto que corresponde ao local da antiga lavaria manual. Mais em baixo, encontra-se o antigo paiol.

Estes vestígios encerram memórias do tempo da exploração do “ouro negro”. Conforme refere Fina d’Armada (2008, pp. 179) *“a febre das minas do volfrâmio atingiu a gente de Riba de Âncora” que se deslocou até à Serra d’Arga à procura do minério. O Cerquido foi a localidade escolhida para morarem, durante a semana, devido à proximidade das minas a explorar. No entanto, as condições de habitabilidade não eram as mais favoráveis.*” Narra ainda que *“A viagem do Cerquido às minas era aí de meia hora. Olha pelo caminho dava-nos fome e íamos à saca e comíamos já tudo pelo caminho. Depois não tínhamos mais nada para o resto do dia ...”.*

FOJO DO LOBO DO ALTO DO CAVALINHO

O Fojo do Lobo é uma armadilha permanente, constituída por dois muros altos de pedra solta, convergindo em formato de um V. Na sua extremidade encontrava-se um fosso, circular, onde o lobo perseguido pelas populações acabava por cair. Estas construções populares testemunham a relação do Homem da serra com o lobo, marcada pela ameaça que representava aos rebanhos e pela memória das batidas aos lobos. A construção de um fojo implicava a mobilização de várias povoações, principalmente para o transporte das toneladas de pedras necessárias.

As batidas aos lobos envolviam um elevado número de pessoas, pertencentes a uma ou mais aldeias, que levariam o lobo a fugir para a área compreendida pelas paredes, onde este acabaria por cair no fosso, previamente disfarçado com vegetação. Normalmente, as paredes do fojo localizam-se em duas vertentes de acentuado declive.

De acordo com Pedro Primavera *et al* (2015), os vestígios dos fojos da Serra d'Arga, "podem comparar-se com as estruturas edificadas nas vizinhas serras do Soajo, Peneda, Amarela, Gerês e Cabreira, assim como nas terras altas da Galiza e, mais a sueste, nos montes de Fafe e de Cabeceiras de Basto".

A Serra de Arga é atualmente a região mais ocidental com presença regular confirmada do lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*) em Portugal. Esta espécie está classificada como Em Perigo em Portugal pelo Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal, e listada nos anexo II e IV da Diretiva Habitats como espécie de conservação prioritária, a nível europeu.



SÍTIO DE IMPORTÂNCIA COMUNITÁRIA DA SERRA DE ARGA

O Sítio, dominado pela Serra de Arga, é fortemente influenciado pelo clima atlântico. Consiste numa área com uma forte expressividade em termos de afloramentos rochosos siliciosos, frequentemente com vegetação pioneira crassifolia (8230), pouco intervencionada e com uma reduzida actividade agrícola.

A sua parte superior é planáltica, apresentando pequenas zonas húmidas, cursos de água permanentes e zonas de alagamento temporário, o que potencia a ocorrência de mosaicos higrófilos.



São de referir as turfeiras na orla de lagoas, depressões e fundos de encosta com acumulação ou fluência lenta de água (7140), onde abundam espécies de *Sphagnum*, os biótopos higroturfosos com vegetação pioneira (7150), os urzais-tojais de montanha com *Erica tetralix* e *Ulex minor*, em que são também comuns espécies do género *Genista* (4020*) e também os cervunais (6230*).

Assinale-se ainda a ocorrência de tojais e urzais-tojais galaico-portugueses dominados por *Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus* e/ou *U. minor* (4030).

Zona importante para a conservação da toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) em Portugal, por incluir grande parte da pequena bacia hidrográfica litoral do Rio Âncora que constitui uma zona marginal da área de distribuição da espécie, albergando no entanto populações reduzidas e ameaçadas.

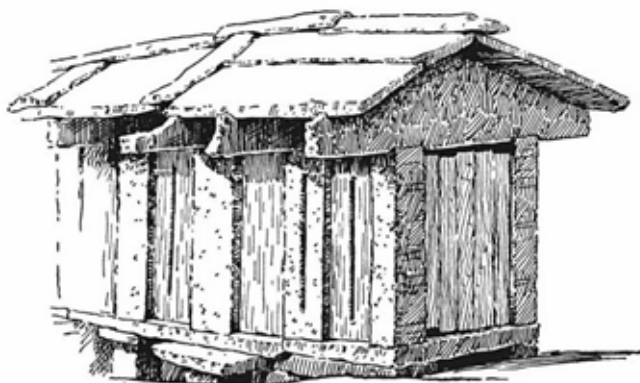
Importante também para a conservação de espécies piscícolas migradoras, sendo de salientar o salmão (*Salmo salar*).

Esta área constitui a zona mais ocidental da área de distribuição do lobo (*Canis lupus*) em Portugal, sobrepondo-se nomeadamente à área ocupada por uma alcateia cuja situação se tem vindo a agravar ao longo dos últimos anos.



ARGA DE CIMA

As principais aldeias da vertente oriental da Serra de Arga e o seu espaço agrícola adjacente desenvolvem-se, em regra, à cota dos 400 – 550 metros, na base do maciço granítico central, num nível de rechãs, de terreno menos acidentado e maior fertilidade. Os núcleos rurais de Arga de Cima, Arga de Baixo e Arga de S. João obedecem à lógica da aglomeração do povoamento serrano e possuem habitações cuja traça respeita as características da arquitetura tradicional do Alto Minho, de dois pisos e sobrado, o superior habitacional, o inferior ocupado pelas as cortes dos animais, às quais se anexa o eido, a eira e os tradicionais espigueiros. Toda a paisagem humanizada serrana é rendilhada, na envolvente destas aldeias, pelos típicos muros de vedação, em xisto e granito, que encerram as leiras férteis rasgadas pelos inúmeros ribeiros. De destacar no acesso pedonal a Arga de Cima, o Caminho das Leiras, estrutura elevada num caminho de pé posto sujeito a alagamento, proporcionando uma passagem para acesso a campos de cultivo.



Desenho de Espigueiro Arga de Cima, Caminha (DIAS, et al., 1963, p.69).

Os espigueiros desempenham um papel fundamental na economia tradicional da Serra de Arga. Destinados ao armazenamento e conservação das espigas de milho, a sua dimensão indicia as condições económicas dos seus proprietários. Também eram, outrora, designados no Alto Minho por *caniço*, termo empregue principalmente na Serra de Arga e noutras áreas de Caminha e Viana do Castelo. Na Serra de Arga são tradicionais os espigueiros com o corpo inteiramente de pedra, nomeadamente nas Argas de Cima e de Baixo. O clima serrano favorece a diaclase tabular do granito e a fracturação do xisto, proporcionando uma grande abundância de lajes naturais, que permitem a construção de espigueiros integralmente de pedra. Frequentemente, o trabalho de alvenaria é mínimo e não há qualquer regularidade no modo de ligação e forma das diversas peças (DIAS, *et al.*, 1963).



Na área envolvente das aldeias, localizam-se as parcelas de agricultura de subsistência, onde o regime de policultura se caracteriza pela conjugação das culturas permanentes e temporárias, com destaque para as hortícolas e cerealíferas. Em muitos casos, as parcelas culturais expandem-se para a base das vertentes, através de socalcos.

A maioria dos solos com aptidão agrícola existentes nestas rechãs está relacionada com a erosão do granito de grão grosseiro do enorme batólito da Serra de Arga que se destaca na paisagem. Os cursos de água entalhados nas vertentes graníticas desfrutam de grande disponibilidade de material para transportar, favorecendo assim a deposição de sedimentos fluviais nas áreas de menor declive situadas a jusante, proporcionando a fertilidade dos solos. A importância do maciço granítico central da Serra de Arga enquanto área de infiltração e acumulação de água, evidencia-se através de numerosos sistemas de moinhos hidráulicos em cadeia que aproveitam pequenos ribeiros que descem as vertentes graníticas desde o planalto, destacando-se a sequência dos moinhos do Covão /Reconco e de Meijão de Água.

Observam-se ainda nestas aldeias diversos exemplares da casa agrícola tradicional serrana do Alto Minho, construída predominantemente por granito e carvalho, que associa a habitação familiar e as funções agrícolas. A arquitetura vernacular dita que as casas sejam de planta retangular e geralmente compostas por dois pisos baixos. O andar superior, destinado à habitação, geralmente possui um sobrado. O piso térreo alberga as cortes do gado, arrumos para as alfaías agrícolas e, por vezes, o celeiro. Uma escada de pedra de um só lanço sobe ao longo da fachada até à varanda, coberta com alpendre, dando acesso ao sobrado. Na Serra de Arga, as varandas, para proteger do frio, são frequentemente baixas e vedadas, e estreitos os respiros e os postigos. A cobertura típica, geralmente de duas águas pouco inclinadas, é de telha caleira ou, nos casos mais rústicos, de colmo e giesta. À volta da casa dispõe-se a eira, as medas ou moreias, o poço, as cortes e os inseparáveis espigueiros, frequentemente em granito, seguindo o modelo da Galiza. As variações locais ao modelo da casa típica da região do Minho explicam-se fundamentalmente por diferenças de riqueza dos proprietários ou questões climáticas. Nas aldeias da Serra de Arga, os sobrados eram mais baixos e fechados para proteção contra o frio, com aberturas estreitas e janelas.

MOINHOS DO COVÃO

A importância do maciço granítico central da Serra de Arga enquanto área de infiltração e acumulação de água evidencia-se através de numerosos sistemas de moinhos hidráulicos em cadeia que aproveitam pequenos ribeiros que descem as vertentes graníticas desde o planalto, destacando-se a sequência dos moinhos do Covão /Reconco e de Meijão de Água.

Estes moinhos de rodízio, planta retangular e reduzidas dimensões, distinguem-se pela singularidade da cobertura em lajes de granito.

O cereal é lançado num dispositivo de madeira, em forma de pirâmide invertida, que vai largando o grão no centro da mó. No nível inferior, a mó está fixa a um tronco de madeira que recebe o impulso do rodízio dado pela água conduzida até lá através de uma levada.

Na Serra de Arga, os moinhos são, regra geral, propriedade privada de consortes ou herdeiros, podendo pertencer a várias famílias. A sua utilização obedecia a um sistema cíclico, semanal ou quinzenal, havendo dias e horas marcados para o seu uso. Os direitos de utilização eram contados em dias e meios dias, respeitando a quota parte de cada consorte.



CAPELA DE SANTO ANTÃO

Esta Capela dedicada a Santo Antão terá sido edificada na primeira metade do século XVIII. É referida nas Memórias Paroquiais de 1758 como pertencendo às religiosas do Convento Santa Ana.

Nesta capela singela, de pequenas dimensões, com um alpendre, celebra-se, no dia 17 janeiro, Santo Antão, também conhecido por Santo do Chocalho. Sendo venerado como protetor dos animais que pastam na Serra, todos os anos nesse dia os lavradores trazem as suas vacas para fazerem romaria em volta da capela. Este Santo é também patrono dos que, surpreendidos pelo nevoeiro, pela chuva, e pela neve, se sentem desorientados na travessia da Serra de Arga. Os traços simples e pouco apurados da imagem do Santo Chocalho terão dado origem a uma crença: "Não te rias do santinho, que o teu mal vem pelo caminho".

Narra ainda a tradição que Arga de Cima terá sido lugar de retiro dos leprosos, hipótese que associam à simbologia do chocalho, usado pelos enfermos para anunciar a sua presença.



IGREJA PAROQUIAL DE ARGA DE CIMA

As características arquitetónicas da Igreja Paroquial de Arga de Cima permitem-nos situar a sua construção entre finais do século XVII e princípios do século XVIII. Atente-se que tanto no exterior como no interior da Igreja, se encontra inscrita a data de 1681. Do lado norte da igreja, existe um nicho arqueado de pedra, rasgado na parede, com uma inscrição no arco:

“O VIGARIO MATEUS RODRIGUES DE AZEVEDO MANDOU FAZER A SUA CONTA – 1681”

A planta apresenta dois retângulos — o corpo da igreja e a capela-mor — ligados por um arco triunfal de meia volta, de aresta, apoiado em pés direitos. Evidencia-se a originalidade e a proporcionalidade das suas dimensões. O corpo da igreja tem 10 x 5m, a capela-mor 5x5m e a sacristia, adossada à parede do lado norte da capela-mor, mede 5x2,5m.

No seu interior encontra-se um retábulo neoclássico e quatro altares, destacando-se a imagem de São Antão, padroeiro da freguesia.

O teto é de madeira, sem pinturas, e o telhado é de duas águas. Os cumes da frontaria e da cabeceira ostentam cruzes simples. Os vértices do telhado exibem pequenas pirâmides, com bolas no remate. As paredes são de alvenaria, caiadas, e as cornijas convexas.

A porta principal apresenta forma arqueada e a lateral sul adintelada. Por cima da porta principal, rasga-se uma janela simples e do lado norte da fachada frontal, ergue-se um campanário com uma torra sineira.

No interior, possui quatro altares, já existentes em meados do século XVIII, embora com designações diferentes. O retábulo da capela-mor é neoclássico, dos fins do século XIX, com uma tribuna simples. Do lado norte, está a imagem de Santo Antão (0,75m), padroeiro da freguesia, e do lado sul, a imagem de S. Sebastião (0,60m), pouco características. Na banqueta, estão duas imagens: uma do Menino Jesus e outra de Santo Antão (ALVES, 1985).



O retábulo de topo, do lado sul, tem duas edículas sobrepostas. Na superior, está a imagem de Santo António (0,70m), obra vulgar do século XIX, e na inferior, a imagem de uma Senhora das Dores (0,30m), original ou imitação do século XVIII.

O retábulo de topo, do lado norte, é também muito simples. No camarim, tem uma imagem da Senhora do Rosário (0,95m), já mencionada em meados do século XVIII. Do lado, em mísulas, estão duas imagens de Nossa Senhora (0,30 m), muito pequenas, mas muito perfeitas.

PONTÃO DO LOBO

O Pontão do Lobo, construído em meados do século XVII, serve a travessia a pé do Regato da Fraga, em Arga de Cima. De construção popular e arcaica, o pontão é constituído por um original arco constituído por lajes de granito alinhadas verticalmente, de tal forma que se assemelham à espinha dorsal de um lobo, uma das espécies mais emblemáticas da Serra de Arga.



MOINHOS DA GÂNDARA

Os Moinhos da Gândara localizam-se junto à margem direita do regato da Fraga, que nasce no planalto da Serra de Arga, a sensivelmente 700 metros de altitude.

Estes três moinhos de rodízio horizontal são construções de alvenaria seca bastante simples. Apresentam planta retangular e reduzidas dimensões. Distinguem-se pela singularidade da cobertura em lajes de xisto.

Este conjunto de engenhos de moagem encontra-se muito próximo a uma chã de grande produtividade agrícola, onde se desenvolve a aldeia de Arga de Cima. Esta área, onde a cultura do milho apresenta, ainda hoje, uma forte implantação, beneficia da elevada disponibilidade hídrica e da acumulação de sedimentos transportados pelos ribeiros que descem as vertentes a montante.

Os moinhos da Gândara foram objeto de reabilitação no âmbito de uma candidatura apresentada à Medida Agris pela Câmara Municipal de Caminha e pela Junta de Freguesia de Arga de Cima.



FONTE E LAVADOURO DA GÂNDARA

Localizado no centro da povoação de Gândara, num alargamento do caminho e protegido por uma ramada horizontal, construído em granito e semienterrado no solo, o lavadouro possui capacidade para quatro pessoas ao mesmo tempo. O abastecimento de água é feito através de uma levada em granito com bica saliente.



CASA DO MARCO (ARTE NA LEIRA)

Nos meses de julho e agosto, a Casa do Marco transforma-se numa magnífica galeria no espaço rural conhecida por Arte na Leira. Nesta improvável mostra de arte anual convivem expressões artísticas como a pintura, a escultura, a cerâmica, a fotografia, o vidro e a tapeçaria, entre outras. A casa pertence ao pintor Mário Rocha, mentor desta inédita exposição, com um reconhecimento crescente desde a sua primeira edição, em 1999. As marcas da ruralidade, ainda genuínas na Serra de Arga, combinam-se na perfeição com a criatividade dos artistas, atraindo à serra centenas de pessoas.



FORTE DA SALGUEIRA

A Fonte da Salgueira, localiza-se em Arga de Baixo, na proximidade de um pequeno ribeiro proveniente do maciço granítico da Serra de Arga, cuja capacidade de infiltração e retenção hídrica alimenta as linhas de água e lençóis freáticos.

Podemos aqui observar alguns anfíbios que constituem endemismos da Península Ibérica como a salamandra-lusitânica, rã-de-focinho-pon-tiagudo, que é na realidade um sapo de pele lisa, ou ainda a rã-ibérica, o sapo-parteiro, o sapo-corredor e o tritão-marmoreado.



IGREJA PAROQUIAL DE ARGÁ DE BAIXO

A Igreja de Argá de Baixo tem a era de 1692, que se encontra gravada na parte de fora na fachada principal, na esquina do lado de direito de quem entra e a 1 metro de altura. O Torreão é de 1907 e foi mandado construir por João Gonçalves Lapeira e sua mulher.



CAPELA DA SENHORA DA ROCHA

Neste lugar da Castanheira, da antiga freguesia de Arga de Baixo, venera-se a Senhora da Rocha, porque segundo a lenda aqui apareceu Nossa Senhora numa rocha.

A capela, de estilo neoclássico, possui planta retangular e de nave única. Sobre a porta principal encontra-se inscrita a data de 1828.



QUEDA DE ÁGUA / CASCATA DAS PENAS

Esta cascata está associada a um considerável desnível no perfil do ribeiro de Arga, afluente do Ribeiro de São João, explicado pela resistência do substrato rochoso à erosão hídrica, numa área dominada a nível litológico por xistos cinzentos com filões aplopegmatíticos. Note-se ainda o traçado retilíneo deste sector do ribeiro da Arga, indicando provável controlo tectónico por uma falha tardi-hercínica de orientação NW–SE¹.



¹ NNE-SSW a ENE-WSW e NW-SE a NNW-SSE correspondem a falhas de desligamento geradas no primeiro episódio de fracturação da orogenia tardi hercínica. Uma orogenia é uma fase de formação de cadeias montanhosas que ocorre ao longo de milhões de anos.

NÚCLEO RURAL DO SOBRAL

Implementado na vertente nordeste do núcleo granítico central da Serra de Arga, a 330 metros de altitude, este pequeno aglomerado apresenta um interessante conjunto de casas agrícolas tradicionais, construídas em granito. A jusante, a vertente estrutura-se numa escadaria de socalcos, impressiva marca da humanização da paisagem.

Estes exemplares da arquitetura vernacular agregam a função de habitação familiar e de apoio à agro-pastorícia. Construídas predominantemente por granito e madeira, apresentam planta retangular e dois pisos baixos. O andar superior, destinado à habitação, geralmente possui um sobrado. O piso térreo alberga as cortes do gado, arrumos para as alfaias agrícolas e, por vezes, o celeiro. Uma escada de pedra de um só lanço sobe ao longo da fachada até à varanda, coberta com alpendre, dando acesso ao sobrado.



IGREJA PAROQUIAL DE ARGA DE SÃO JOÃO

Igreja Paroquial, construída nos princípios do séc. XVIII, é formada por dois corpos retangulares, a nave e a capela-mor, ligados por um arco triunfal de meio ponto. Do lado norte, adossada à capela-mor, encontra-se a sacristia.

A Igreja Paroquial com invocação de São João Baptista, ostenta, na porta de entrada, a data de 23 de Janeiro de 1720. O torreão diz "Ano de 1844" (Alves, 1985).

No lugar de Felgueiras teria existido outra igreja paroquial e freguesia com o nome de Santa Maria de Felgueiras. Ainda hoje se encontram, não muito longe de Santo António, as ruínas dessa igreja paroquial antiga, fora da zona habitacional.



IGREJA PAROQUIAL DE DEM

A Igreja Paroquial foi reconstruída em 1970, ano da elevação do lugar de Dem a freguesia, a partir de uma capela anterior, de invocação de S. Gonçalo. Apresenta planta retangular, com dois corpos nave e capela-mor ligados por um arco triunfal de meia volta, apoiado na parede. A sacristia fica do lado norte.



MOINHO DO CUBANCO

Moinho de vários herdeiros, construído em alvenaria de pedra de xisto e de granito, de rodízio horizontal. No Inverno, o seu engenho funcionava com as águas do regato do Cubanco e também com as águas bravas da encosta.

O regato do Cubanco nasce em Furada de Barco e abastece também a presa com o mesmo nome, localizada a cota superior.

A pontelha do Cubanco, situada a jusante da ponte, era utilizada pelos habitantes locais para o atravessamento pedonal sobre a linha de água. Os carros e os animais atravessavam pelo leito do regato.



MOINHOS DO RIBEIRO DE REAL

Ao longo de que uma pequena linha de água afluente do Ribeiro de Real encontra-se um conjunto de moinhos de água de rodízio desativados, entre os quais se contam o Moinho das Ínsuas.

Construídos em granito, estes moinhos apresentam planta retangular, telhado de uma água coberto com telha de meia cana e dois pisos. No inferior encontra-se um cabouco, onde trabalha um rodízio de ferro e, no superior, com pavimento em madeira, a moenda. O transporte da água faz-se através de um caleiro de pedra e a sua regulação por meio de seteira com pejadouro de madeira.



PRESA DE FONTE MIOSA

A Presa de Fonte Miosa era muito utilizada para “secar debaixo de água” as traves de castanho e de carvalho. Nesta presa também se colocava o linho, em molhos, dentro de água, durante vários dias, para se obter a separação dos elementos fibrosos dos lenhosos.

Atualmente, a água da presa é usada para rega das culturas de milho. Como antigamente, a partir do dia 24 de junho até ao final do mês de agosto, a água para rega ainda é repartida “por conta” pelos usufrutuários, em dias e horas determinadas. No restante período do ano, a água da presa é usada para rega dos paus de erva.



24

25

RELÓGIO DE SOL E MOINHOS DE PEDRULHOS

Relógio de sol em granito, que marca o tempo que cada agricultor usufrui de tempo de rega. Numerosos sistemas de moinhos hidráulicos em cadeia aproveitam pequenos ribeiros que descem as vertentes da Serra de Arga. Estes moinhos de rodízio, com planta retangular e reduzidas dimensões, são, regra geral, propriedade privada de consortes ou herdeiros, podendo pertencer a várias famílias. A sua utilização obedecia a um sistema cíclico, semanal ou quinzenal, havendo dias e horas marcados para o seu uso. Eram usados para transformar o milho em farinha permitindo fazer o pão (broa).



CAPELA DE SÃO FRANCISCO – PEDRULHOS

A edificação da capela de São Francisco, como se pode ver na inscrição sobre a porta, data de 1753.

Esta capela de dimensões modestas, merece relevo pela mestria da arte de cantaria: o altar-mor, de estilo barroco, é todo em pedra, assim como a estatuária. O nicho, sobranceiro à porta de entrada, imita com perfeição um forro de panejamentos, encimado por uma vieira esculpida. Segundo Lourenço de Almada (2000) esta capela seria ponto de passagem dos peregrinos que rumavam a Santiago de Compostela, percorrendo o itinerário que, vindo de Barcelos, atravessava o rio Lima no Lugar da Passagem (Moreira de Geraz do Lima) e, desde Lanheses, subia a São Loureço da Montaria. Este caminho atravessava a Serra de Arga pela sua vertente voltada a Noroeste, seguindo em direção a Dem e Vilar de Mouros, cruzando o rio Minho em Vila Nova de Cerveira.



CAPELA DE SÃO MAMEDE E DE SÃO FRUTUOSO (TRÁS-ÂNCORA)

A Capela de São Mamede e de São Frutuoso terá sido, segundo Figueiredo da Guerra, a antiga igreja que no século XIV foi sede da extinta freguesia de São Mamede de Arga, anexa ao Mosteiro de São João de Arga. Os monges do Mosteiro de S. João de Arga aqui se deslocavam para celebrar a missa aos domingos e dias santos.

Sofreu grandes remodelações em 1814, pelo Abade Francisco José Pereira (BOUÇA, 1942), conservando, porém, muitas das suas características primitivas (VASCONCELOS, 1999). Sobre a porta frontal conserva um nicho, anterior à remodelação, que tem uma vieira em grande destaque (ALMADA, 2000).

À semelhança da Capela de São Francisco, em Pedrulhos, também esta pequena capela é referida por Lourenço de Almada (2000) como ponto de passagem dos peregrinos que realizam a travessia da Serra de Arga em direção a Santiago de Compostela.

No lugar de Trás-Âncora deparamo-nos com um Cruzeiro, implantado num lugar que a tradição popular denomina de "Igreja Velha", assinalando o local onde terá existido a primitiva Igreja Paroquial.

A festa em honra de São Mamede e de São Frutuoso realiza-se no primeiro fim-de-semana de agosto, sendo a missa de sábado dedicada a S. Frutuoso e aos animais que são benzidos. A missa de domingo é dedicada a S. Mamede.



ANTIGO VIVEIRO FLORESTAL DE S. LOURENÇO DA MONTARIA

O Antigo Viveiro Florestal da Montaria, localizado nas margens do curso alto do rio Âncora, funcionou desde o início da segunda metade do século XX, sendo gerido pelo Fundo de Fomento Florestal, criado em 1945 (PINHO, 2008). Aqui se produziam árvores que eram utilizadas em plantações florestais por todo o país.

Mais tarde viria a ser administrado pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, sendo hoje a sua gestão enquanto espaço verde de lazer da competência da Junta de Freguesia da Montaria.



IGREJA PAROQUIAL DA MONTARIA

Igreja setecentista de transição do maneirismo para o barroco. Possui nave única flanqueada por 2 sacristias, colocadas simetricamente. A fachada principal maneirista é marcada pela verticalidade do eixo central, evidenciando duplas pilastras coroadas com pináculos. No frontão triangular evidencia-se o nicho no tímpano, localizado no alinhamento do portal, emoldurado por pilastras e entablamento, e o janelão, coroado por frontão de volutas.



MOINHOS DA MONTARIA

São Lourenço da Montaria apresenta uma excecional quantidade de moinhos de água. Foram inventariados 42 engenhos tipicamente serranos, que terão uma antiguidade superior a, pelo menos, 150 anos. Os moinhos de água eram essenciais à economia rural tradicional, transformando o milho, cereal que revolucionou a agricultura no Minho, na farinha, a partir da qual se confeccionava a broa, base da alimentação.

Os moinhos da Montaria possuem somente um rodízio. São construções de pequenas dimensões, em pedra solta. A sua construção era empreendida por acordo entre diferentes famílias, que partilhavam os custos de aquisição de algumas peças (telhas, ferragens e mós) e se entreajudavam nos trabalhos de carpintaria e alvenaria.



Estes moinhos de rodízio eram geridos no quadro de um sistema de propriedade partilhada por “herdeiros”. Os moinhos pertencem a um determinado conjunto de pessoas, perfeitamente identificadas que medem a sua posse pelo tempo de utilização a que têm direito. Os direitos de utilização dos moinhos eram regulados por sistemas de ciclos.

Em 1999, teve início o Projeto de Recuperação dos Moinhos da montaria, numa parceria entre a Câmara Municipal de Viana do Castelo e a Associação Desportiva e Cultural Montariense, permitindo o restabelecimento ou melhoria das condições de funcionamento de 14 moinhos de água, que se mantiveram na posse dos seus proprietários.

No lugar da Costa, onde nos encontramos, existem 4 moinhos, 3 dos quais ainda se encontravam aptos a laborar em finais do século XX.

Na margem direita do ribeiro dos Campos, junto do sopé da vertente ocidental do maciço granítico da Serra de Arga, encontram-se o Moinho Pequeno, o Moinho Grande, o Moinho do Sapato, o Moinho de Baixo e, ainda, um Engenho de Serrar, já em estado de ruína.

Construídos em alvenaria de granito, estes moinhos apresentam planta retangular, telhado de uma água coberto com telha de meia cana e dois pisos funcionais. No inferior encontra-se um cabouco, onde labora um rodízio de ferro e, no superior, com pavimento em madeira, a moenda. O transporte da água faz-se através de um caleiro de pedra e a sua regulação por meio de seteira com pejadouro de madeira.

HABITAT REDE NATURA 2000

Encontramo-nos numa zona de contacto entre rochas granitoides e metassedimentares. A montante ergue-se o maciço granítico central da Serra de Arga, batólito de granito de grão grosseiro duas micas. Este maciço é rodeado por uma extensa mancha de xistos negros da Unidade do Minho. Na faixa de contacto surgem intrusões de filões aplo-pegmatíticos.

Nesta zona de transição de litológica entre xisto e granito, dominam os matos baixos e densos de tojo- arnal (*Ulex europaeus*) e tojo-molar (*Ulex minor*) integrados no Habitat 4030 do Plano Sectorial Rede Natura 2000: “Charnecas Secas Europeias”, especificamente no subtipo urzais-tojais galaico-portugueses não litorais.

Observe a paisagem circundante e note como os diferentes substratos litológicos influenciam contrastes paisagísticos significativos, quer ao nível do coberto vegetal, quer do uso cultural do solo. Nas rechãs onde se implementam as aldeias serranas, prevalece o uso agropastoril, com importante presença de urzais-tojais e culturas de irrigação. Nos substratos metassedimentares, mais pobres, predominam as comunidades arbustivas xerófilas, bem como os matos degradados.



MIRADOURO PARA O VALE DO ESTORÃOS

A partir da vertente oriental da Serra de Arga, avista-se o vale do rio Estorãos, que no seu curso alto, entre Moreira do Lima e Cabração, possui um trajeto quase retilíneo, aproximadamente Norte – Sul, condicionado por uma importante falha tectónica, conhecida por desligamento Vigo - Régua, de orientação NNE-SSW, associado à orogenia¹ tardi-varisca, que ocorreu há cerca de 300 milhões de anos. Esta falha contribuiu para a elevação da Serra de Arga, por nova movimentação tectónica durante a orogenia alpina, no cenozoico inferior, entre 65 e 34 milhões de anos.

No seu sector terminal, o rio Estorãos apresenta um vale aberto, atravessando a depressão alveolar de Bertandos, onde se desenvolve a Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos.

Numa segunda linha de horizonte, estendem-se as férteis veigas da planície aluvial do rio Lima, onde se observa a milenar paisagem humanizada da Ribeira Lima. Nesta fértil várzea de solos aluvionares, o intenso e ancestral uso agrícola, encontra-se inserido numa matriz de povoamento contínuo, embora disperso e de baixa densidade. A agricultura, caracterizada pelo minifúndio e pela policultura, à exceção de casos restritos de emparcelamento e especialização, frequentemente associados à cultura do Vinho Verde, assume uma presença preponderante.

Na margem esquerda do Lima, elevam-se os maciços graníticos das serras da Nora e da Padela, culminando a 577 metros de altura a primeira e a 487 metros a segunda, entrecortadas por amplos e profundos vales.

Na Ribeira Lima a ocupação antrópica encontra-se documentada desde a transição entre a Idade do Ferro e o Alto Império romano, sendo a atratividade deste espaço determinada pela sua excelente aptidão agrícola, pela presença de recursos minerais e influenciada pela existência de pequenas elevações que oferecem boas condições defensivas a nível morfológico e geoestratégico. Multiplicam-se os locais onde a descoberta de vestígios de datação romana, tardo-romana ou mesmo medieval, em conjugação com as condições de implementação dos habitats ao nível da fertilidade dos solos, disponibilidade hídrica, declive e exposição, testemunham a densa ocupação deste durante a romanização, por castros agrícolas, casais romanos, povoados mineiros, verificando-se, frequentemente, a persistência destas ocupações na Alta Idade Média.



¹ Uma orogenia é uma fase de formação de cadeias montanhosas que ocorre ao longo de milhões de anos. NNE-SSW a ENE-WSW e NW-SE a NNW-SSE correspondem a falhas de desligamento geradas no primeiro episódio de fracturação tardi hercínica (A. Ribeiro et al, 1979).

QUARTÉIS DE SANTA JUSTA

Os antigos quartéis de Santa Justa, outrora albergue de romeiros e peregrinos, são hoje um Centro de Interpretação e Vivência Ativa da Natureza, onde é possível pernoitar num alojamento contemporâneo que conta com duas suites e dois dormitórios interligados e ainda uma pequena piscina privada.

A tradição da peregrinação à Capela de Santa Justa associa-se à crença popular relacionada com o local de martírio de duas irmãs, Justa e Rufina, visto que uma das punições que lhes foi imposta foi a de caminharem descalças até à Serra Morena.

A romaria será muito antiga, sendo anterior ao século XVIII, visto que nas Memórias Paroquiais, se relata que "tem a romagem donde acode muita gente".

Segundo a lenda, Justa e Rufina eram filhas de um oleiro andaluz, que ganhava a vida a vender louça de barro no mercado. Como recusaram prestar homenagem ao deus Adónis e oferecer sacrifícios a Vénus, as suas louças foram quebradas. Santa Justa foi torturada e morta sobre a roda e Santa Rufina foi estrangulada. Santa Justa é a patrona de Sevilha e de Burgos e as suas relíquias foram guardadas no mosteiro de Las Huelgas. Venera-se a 17 de julho.



FICHA TÉCNICA

Nome do Percurso

Percurso Equestre de Lanheses ao Cerquido

Entidades Promotoras

Município de Viana do Castelo

Município de Ponte de Lima

Município de Caminha

Tipo de Percurso

Pequena Rota

Localização

Lanheses (Viana do Castelo) – Cerquido
(Ponte de Lima)

Distância

20 km

Cota inicial

5 m (Lanheses)

Cota máxima atingida

417 m (Cerquido)

Cota mínima atingida

5 m

Duração

3 horas

Grau de Dificuldade

Moderado

Âmbito do Percurso

Paisagístico/Patrimonial/Cultural

Ponto de Partida

(41° 43' 38.540" N 8° 40' 30.729" W)

Ponto de Chegada

Cerquido

(41° 48' 21.359" N 8° 40' 35.468" W)

CONTACTOS ÚTEIS

Câmara Municipal de Viana do Castelo

(+351) 258 809 300

Câmara Municipal de Ponte de Lima

(+351) 258 900 400

Viana Welcome Centre

(+351) 258 098 415

Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos

(+351) 258 240 201

N.º de Emergência S.O.S. Lagoas

(+351) 963 520 002

Unidade Local de Saúde do Alto Minho

(+351) 258 802 100

Bombeiros Municipais de Viana do Castelo

(+351) 963 442 205 / (+351) 258 840 400

Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo

(+351) 258 800 840

Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima

(+351) 258 909 200

GNR – Guarda Nacional Republicana

(+351) 258 840 470

PSP – Polícia de Segurança Pública

(+351) 258 809 880

SOS 112

SOS Floresta

117

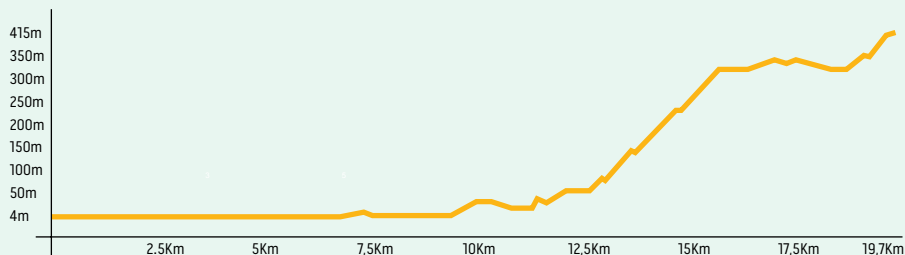


INFORMAÇÕES DOS PERCURSOS

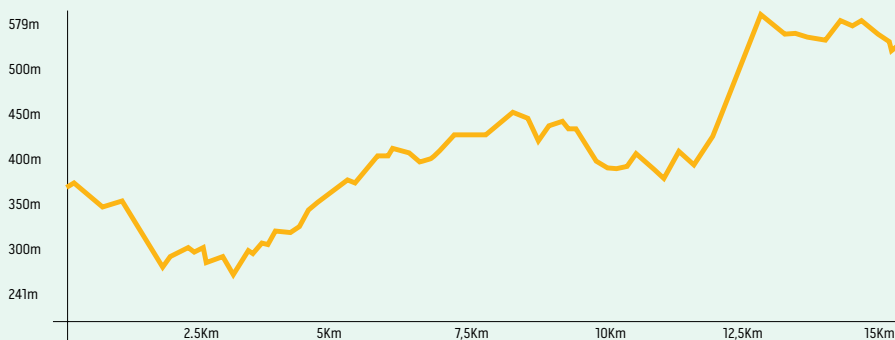


www.destinoequestre.pt/percursos

PERFIL TOPOGRÁFICO DO PERCURSO DO RIO LIMA À SERRA DE ARGÁ



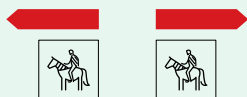
PERFIL TOPOGRÁFICO DO PERCURSO DA SERRA DE ARGÁ



MARCAÇÃO DO PERCURSO



Caminho certo



Virar à esquerda | Virar à direita

LEGENDA



Percurso



Pontos de interesse

RESPONSABILIDADES

Os percursos equestres recomendados não isentam os seus utentes ou pessoas que os promovam da assunção da responsabilidade por eventuais danos materiais ou humanos que ocorram no decurso da sua realização.

Não saia do percurso marcado e sinalizado. Esteja atento às marcações.

Evite fazer ruído desnecessário que provoque poluição sonora perturbadora da qualidade ambiental.

Respeite a propriedade privada.

Não abandone o lixo.

Coloque-o no respetivo local de recolha.

Não incomode os animais nos seus habitats naturais ou pastagens.

Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas.

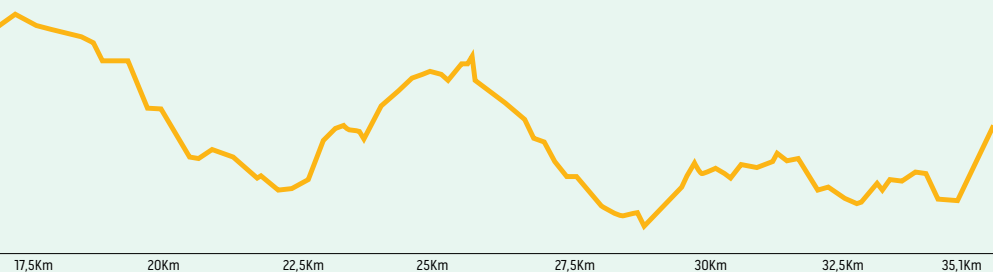
Evite andar sozinho em espaços naturais isolados.

Guarde o máximo cuidado nos dias de nevoeiro.

Utilize sempre vestuário, calçado e equipamentos de proteção apropriados à prática equestre.

Durante o período crítico de incêndios e fora deste período, nos dias de risco de incêndio igual ou superior a elevado, não pode fazer qualquer tipo de fogo..

Ajude a conservar o bom estado do percurso e da sua sinalética.



BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, José Lourenço de (2000). *A Caminho de Santiago - Roteiro do Peregrino*, Lello Editores, Porto.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; GONÇALVES, Mário (2007 - 2013). Inventário dos moinhos de água e de vento, engenhos e lagares de azeite, in *Cadernos Vianenses*, tomos 42-47, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1990). Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima, *Estudos Regionais*, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1996). *Povoamento romano do litoral entre Cávado e Minho*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; ALMEIDA, Pedro Brochado (2009). *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo II – Da Idade Média à Actualidade*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, Carlos a. Brochado de; GONÇALVES, Mário Carlos Sousa (2010). Inventário dos Moinhos de Água e de Vento, Engenhos e Lagares de Azeite, *Cadernos Vianenses*, Tomo 45, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- ALVARES, F.; ALONSO, Pedro; SIERRA, Pedro; PETRUCCI-FONSECA, Francisco (2000). Os fojos dos lobos na Península Ibérica. Sua inventariação, caracterização e conservação. *Galemys*, 12, 57-77.
- ALVES, Lourenço (ed.). (1985). *Caminha e seu concelho: monografia*. Câmara Municipal de Caminha, Caminha.
- ARAÚJO, José Rosa (1962). *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Junta distrital de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- ARMADA, Fina d' (2008) — Mulheres de Riba de âncora na febre do estanho e do volfrâmio. In *Estudos Regionais*, II Série, n.º 2.
- Azevedo, M.R., Valle-Aguado, B., 2006. Origem e instalação de granitóides variscos na Zona Centro-Ibérica. In: R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha, J.C. Kullberg, (Eds), *Geologia de Portugal no contexto da Ibéria*. Universidade de Évora, Évora, 107-121.
- BOTELHO, João Alpuim (2009). Do que falamos, quando falamos de moinhos? MEA LIBRA, Revista de Cultura, III série, nº 3, Centro Cultural do Alto Minho, Viana do Castelo.
- BOUÇA, Francisco José Esteves (1942). *Monografia da Freguesia de São Lourenço da Montaria do Arciprestado de Viana do Castelo*, Braga.
- BROCHADO, Cláudio Roberto Laranjeira (2004). *"Povoamento tardo-romano e altimedieval na bacia terminal do rio Lima (séculos IV-IX)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FLUP, Porto.
- CAPELA, José Viriato (2005). *As freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758: Alto Minho: memórias, história, património*. Universidade do Minho. Casa Museu de Monção.
- CARNEIRO, Ana Lúcia Pereira (2015). O potencial turístico do património mineiro de Ponte de Lima: um passado com futuro. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- CARNEIRO, Francisco José Fernandes; FERNANDES, Maria Augusta Durães (1979). S. Lourenço da Montaria: Apontamentos Etnográficos, *Cadernos Vianenses*, Tomo II, Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Dias, P., 2012. Análise estrutural e paragenética de produtos litológicos e mineralizações de segregação metamórfica: estudo de veios hiperaluminosos e protólitos poligénicos silúricos da região da Serra de Arga (Minho). Tese de doutoramento, Universidade do Minho (não publicada), 466 p.

DIAS, Jorge; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1963). *Sistemas primitivos de secagem e armazenagem de produtos agrícolas: Os espigueiros portugueses*. Instituto de Alta cultura, Centro de estudos de etnologia peninsular, Porto. <https://books.openedition.org/etnograficapress/6642#ftn1>

Dias G. (1987) Mineralogia e Petrologia dos granitos Hercínicos associados a mineralizações Filonianas de Sn-W (Minho Portugal). Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/cerquido> [consultado em 08-03-2023].

GONÇALVES, Mário Carlos Sousa (2013). *O pão na Região do Lima: Estruturas e sistemas primordiais-das origens à Idade Média*, Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Porto, Porto.

GOMES, C. L., ALVES, R. C., BENTO, V., & LIMA, F. (2008). Fisiografia e geomorfologia. In: ALONSO, Joaquim Mamede, ed. *As condições naturais e o território de Ponte de Lima*. Município de Ponte de Lima, Ponte de Lima.

GUERRA, Luís Figueiredo da (1895). Estudos e Notas, *Archivo Viannense*, Vol. I, Viana do Castelo.

Leal Gomes, C., 1994. Estudo estrutural e paragenético de um sistema pegmatóide granítico – O campo filoniano de Arga – Minho (Portugal). Tese de Doutoramento, Universidade do Minho (não publicada), 695 p.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1983). *Sistemas de Moagem – Tecnologia Tradicional Portuguesa*, Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa.

PINHO, João (2018). Evolução histórica dos organismos no âmbito da administração pública florestal (1824-2012). *CULTIVAR-Cadernos de Análise e Prospetiva*, (11), 81-94. https://www.gpp.pt/images/GPP/O_que_disponibilizamos/Publicacoes/CULTIVAR_11/Seccao113ArtigoJoaoPinho.pdf

Porto Editora – *Santa Justa* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-03-08 17:47:51]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$santa-justa](https://www.infopedia.pt/$santa-justa)

PRIMAVERA, Pedro; VIANA DA CUNHA, António; ÁLVARES, Francisco (2015). Testemunhos da relação entre o lobo e as comunidades rurais na Serra d'Arga em Estudos Regionais, II Série, n.º 9, pp. 151-165.

RIBEIRO, A. et al. (1979). *Introduction à la géologie générale du Portugal*, Publ. Serv. Geol. Portugal.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, Vilma (coord.) (2019). *Estudos de Caracterização da Paisagem Da Serra d'Arga à Foz do Âncora, Volume I Caracterização da Paisagem*, Território XXI - Gestão Integrada do Território e do Ambiente, Lda, https://www.serradarga.pt/wp-content/uploads/2019/01/12_paisagem.pdf

SILVA, Vilma (coord.) (2019). *Estudos de Caracterização da Paisagem Da Serra d'Arga à Foz do Âncora, Volume II Património Cultural [Arquitetónica e Imaterial]*, Território XXI - Gestão Integrada do Território e do Ambiente, Lda, https://www.serradarga.pt/wp-content/uploads/2019/01/17_patrimonio_web.pdf

VASCONCELOS, Joaquim Manuel de Paula (1999). *Roteiro do Vale do Âncora*, 2ª ed. alterada e corrigida, Vila Praia de Âncora.



www.destinoequestre.pt/percursos

